}2.1.

# A crise na cultura europeia*

## Eduardo Lourenço**

É comum ouvir a referência a essa espécie de terra de silêncio onde nasci, terra silenciosa, onde vivi uns dez anos da minha vida. Silêncio, mas curiosamente silêncio luminoso.

A famosa obra de Raul Proença acerca de Portugal, que foi depois continuada por Sant'Anna Dionísio, evoca esse planalto incrustado no pequeno vale, na pequena aldeia… Sobre essa evocação diz algo de muito curioso, que nunca esqueci e pelo que me senti sempre extremamente grato. Esse planalto, no dizer de Pascoaes, é rico de vento, e assim Portugal tem um horizonte maior, talvez o maior horizonte português, que vai de um ao outro lado até às terras do infinito da Península. Ali, com Espanha ao lado, diz haver qualquer coisa, como que uns ares metafísicos.

Essa não é uma terra muito distante da vizinha Salamanca, onde D. Miguel de Unamuno, nos finais do século XIX e princípios do século XX, viveu e escreveu os famosos livros de meditação, em seu estilo hispânico. Dele conheço um pouco. E essas partículas metafísicas, dispersas no ar, estão incorporadas numa espécie de gene simbólico.

* * *

* Intervenção na Sessão Solene comemorativa do 10.º Aniversário do Centro de Estudos do Pensamento Português, no Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, em 21 de março de 2012. O texto foi transcrito a partir da gravação áudio.

** Universidade de Nice.

A Europa, enquanto tempo, realidade política e histórica, e também enquanto destino, está neste momento a atravessar um dos seus grandes momentos de autointerrogação e perplexidade sobre ela própria que se chama *crise*.

Não obstante a imprevisibilidade das suas consequências e da saída dela em contornos habituais, no que respeita à sociedade, ao bem-estar e ao futuro, não só para as atuais mas sobretudo para as gerações vindouras, a crise é algo de comum àquilo que chamamos Europa, no seu passado. Enquanto continente, cuja matriz cultural nós, embora não só, fundamentalmente reclamamos, a Europa de onde procedemos culturalmente continua a ser uma preocupação constante e fundamental para quem quer que se reclame dessa herança. Contudo, a verdade é que estamos num momento histórico, não só do Ocidente mas do mundo inteiro, que relativiza um pouco, não a herança em si mas a leitura que dela se faz, enquanto interpretação geral da história e não de um continente em particular, bem como do estado da sua cultura, desde os tempos pré-socráticos ou desde os tempos homéricos até aos nossos dias.

Provavelmente foram os gregos que instituíram esse tipo de discurso sobre eles próprios, que continha em si a noção intrínseca de crise, porque se interrogaram sobre tudo, sobre aquilo que eram, como pequenas cidades rivais umas das outras, disputando a hegemonia daquele espaço particular do Mediterrâneo onde se situavam. Esse discurso é instituído, todavia, com alguma autonomia, o que veio a caracterizar o que nós denominamos *herança filosófica*. Com a palavra *filosófica* quer-se dizer discurso, mas não o que todas as culturas têm sobre si mesmas, que é sempre um discurso inicial, um pouco mítico e aceite como tal.

Há, com efeito, um mundo grego alicerçado nessa mitologia, que se tornou de resto uma parte do que nós chamamos *a mitologia*, que durante vários séculos foi o fundamento da mitologia grega que, depois de latinizada, foi ainda alterada no seu funcionamento pela relação ou diálogo imposto e aceite com uma nova visão das coisas, partindo de um outro ponto de chegada, que é o ponto de Jerusalém, o espaço bíblico, o espaço da revelação cristã.

Mas a Grécia ficou-nos sempre como essa espécie de espaço em que o novo tipo de visão dos homens sobre si mesmos vai receber um nome, que se perpetuará: filosofia. No século XIX, um grande exegeta bíblico, Renan, heterodoxo como é sabido, invocará e recaracterizará o que era uma parte da herança de toda a cultura europeia, presente nessas diversas ressurreições que constituem a história do pensamento europeu, que se recicla continuamente em função desse fundo imemorial que é, para nós, o legado grego. Chamou-lhe o milagre grego!

Esse milagre grego significa a instituição da razão, do discurso racional, que é todo o discurso nos limites da razão, como diria Kant. Esse discurso não está vinculado organicamente com outras culturas, que têm hoje lugar na esfera das nossas preocupações como são a China e a Índia. Na verdade, não está vinculado a esse primeiro estrato do pensamento que no mito se autojustifica. É como que um apelo à capacidade que os homens têm de conhecer e de discutir o seu próprio pensamento, porque pensar é o que caracteriza a essência humana. Não é necessário que seja um pensamento historicamente formulado, e que de certa maneira procriou uma tradição, aquilo a que chamamos tradição filosófica propriamente dita.

O que é novo na Grécia é o facto de distinguir aquilo que é claro do que não é, o que é da ordem da ilusão do que não é; portanto, pelo menos a pretensão do discurso. E essa marca ficou como característica de toda a história europeia e do seu destino até aos dias de hoje. Mas acontece que esse legado grego, essa espécie de aura luminosa, que coloca o grego à parte e depois dele o europeu, seu herdeiro, instituiu-se historicamente como uma espécie de privilégio, separando essa atividade como suprema, aquela que é capaz de dar razão do seu próprio percurso e das suas afirmações.

Até hoje, não renunciámos a essa herança. Mas o que atualmente acontece, como em toda a história da Europa, é a dispersão da sua singularidade, situada na civilização e na cultura que deram lugar àquela Europa, durante séculos e depois milénios, como se essa fosse *a cultura* propriamente dita. Mais tarde, porém, essa palavra *cultura* virá a significar uma espécie de englobante, para no fundo invocar essa raiz sempre presente que é a raiz grega do nosso pensamento enquanto pensamento racional. Portanto, de algum modo, não podemos renunciar a essa herança. Mas isso não institui o grego na convicção de uma espécie de arrogância, de posse da verdade desse discurso sobre o ser. O próprio Aristóteles dirá que essa discussão sobre a questão do ser é, em si mesma, uma questão fundadora e sem fim, simples termos desse mesmo lugar que não tem exterior noutro mundo. O próprio da humanidade, ao longo dos tempos como no tempo presente, é discutir até aos limites do seu saber o que é realmente o ser.

Acontece que outras culturas não têm esse mesmo tipo de discurso. Responderam a essa preocupação dos homens – de conhecer aquilo que a realidade é – de outra maneira: por imagens, por discursos da ordem do imaginário, por visões, em suma por um tipo de discurso que também os gregos conheceram e que acompanhavam os outros, com essa interrogação: o que é um mito? Para os gregos, o mito era algo que permanecia e possuía uma segunda visão sobre a realidade. Mas a filosofia conhecia, ao mesmo tempo, os limites do seu próprio discurso sobre o ser. De tal forma que, nas questões mais

extremas, Platão, maior dos seus filósofos mas sobretudo um grande filósofo, recorre a toda uma outra sabedoria que está inscrita em lendas, visões e contos fabulosos, quando o discurso propriamente racional se encontra com os seus limites. Mas fá-lo sempre com esta capacidade de não opor uma coisa à outra, sendo capaz de pensar igualmente o que é menos pensável, o que é dado desde a origem, anterior às formulações racionais que se possa ter. Portanto, a verdade é que a história da Europa, enquanto história cultural, é diferente de outras áreas culturais, pelo facto de ter esta espécie de dois discursos.

Tendo em conta a história política, não é acidental o facto de a Europa se encontrar em crise. Quer na Antiguidade quer depois com o Cristianismo, que durante séculos se tornou a religião dominante deste continente, um só discurso e uma só visão imperaram neste espaço do mundo, que foi historicamente o espaço da Europa até hoje. Por isso, a crise não é um acidente, muito menos um acidente infeliz, mas constitutiva do próprio movimento da história europeia, praticamente desde o seu nascimento, se consideramos que para nós a Europa começa realmente com a Grécia.

Hoje, a Grécia invoca outra espécie de crise, a crise fáctica que estamos a viver. Essa Grécia atual é herdeira duma parte desse passado, como outros países da Europa, mas não com o seu monopólio, porque ela é esse país onde Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles, estoicos e cínicos fizeram nascer a filosofia, o saber característico desta cultura a que estamos vinculados.

Esta crise atual é uma crise dessa Europa que, mesmo nos momentos mais difíceis, vivia na ordem de uma cultura que era capaz de dominar toda a espécie de perplexidades ou dificuldades que iam surgindo ao longo dos tempos, quer prática quer teoricamente. Na verdade, aos olhos dos europeus e até hoje, a crise da Europa era a crise do mundo. Pela primeira vez, provavelmente, a crise, que naturalmente chamamos europeia, está envolta numa crise mais ampla, que não pode ser vinculada unicamente ao que a Grécia é ou à herança grega, no sentido histórico do termo.

Não é por acaso que esta crise, uma espécie de *caoticidade* da ordem económica e financeira, com repercussões sobre todas as circunstâncias da nossa vida – as mais imediatas –, vem-nos de uma espécie, não de outro planeta, mas de outra esfera. Afinal de contas, a América é uma filha da Europa na sua origem histórica, como bem sabemos. Mas, ao mesmo tempo, é a primeira vez que a Europa, sem o saber ainda, se relativiza. E isso foi assinalado com uma palavra simples. Nós estávamos no mundo quando Colombo foi parar a outro sítio, enganando-se. Como diria Pessoa, passado, entrámos num outro e novo mundo. Mas nunca levámos muito a sério essa expressão de *novo mundo*. Uma expressão meramente geográfica, definidora em relação a um mundo que se conhecia para outro que não se conhecia. Mas esse mundo

que não se conhecia tornou-se, pouco a pouco, uma continuação e um rival desse mundo que já se conhecia. Portanto, tornou-se uma espécie de aposto, um género quase utópico, uma espécie de utopia realizada deste mundo, a construção nova de uma terra de que, efetivamente, os americanos são herdeiros. Ora, é dessa América que nos vem a continuidade de toda a história do Ocidente, e de onde nos vem esta crise no sentido fáctico do termo. Por isso, esta Grécia não tem muito a ver com a de Platão, Aristóteles ou Demócrito. Mas, do ponto de vista mítico, é a ela que nos ligamos como aquilo que resiste na Europa e nos outros continentes na ordem da cultura e do pensamento.

Estamos a viver a Europa como se ela tivesse esgotado uma parte das suas possibilidades de resposta e esperasse a salvação dos seus problemas, contando com outros espaços e já noutros espaços. A Europa já não é o centro do mundo, como foi durante séculos. E isso é algo de novo, mas que não nos deve levar a uma espécie de masoquismo europeu.

Uma coisa é a nossa apreensão crítica, que faz parte integrante daquilo a que chamamos espírito europeu, em qualquer uma das suas manifestações. Outra coisa é uma espécie de depressão, que subitamente começa a tomar este continente que, durante séculos, se considerava a si mesmo como privilegiado, o continente onde, a partir da raiz grega, se reinventou de um modo muito especial uma nova forma de interpretar o mundo, interpretação com raízes mormente do pensamento grego antigo: a ciência propriamente dita.

Durante séculos, também esta Europa teve essa espécie de monopólio do pensamento sobre a herança da China, da Índia e do mundo árabe. A teorização sobre todos os efeitos práticos desse novo comportamento intelectual da humanidade estabeleceu-se no coração da ciência, no sentido prático do termo, como um instrumento de domínio do mundo. Esse domínio estava ainda nas mãos da Europa e dos europeus. Mas já não está há muito tempo, e sobretudo agora no século XXI. Tratava-se de um saber de tipo universal, mas agora já não o é propriamente. Portanto, é algo que se pode indicar como característico da Europa enquanto tal. Faz parte do seu passado, mas esse passado universalizou-se nos seus efeitos, e a Europa é hoje, nesse capítulo, um continente em construção com outros continentes. Contudo, o facto é que esse passado europeu foi de tal ordem, que se construiu, no interior deste continente, um tipo de sociedade intrinsecamente utópica e que se aceitou no *utopismo* como o paradigma de todas as outras sociedades.

Celebramos, neste ano, os trezentos anos do nascimento de Rousseau, uma das personalidades mais revolucionárias, ele que era tão sensível e fez uma espécie de pregação universal da ordem do sentimento e das lágrimas. Esse sonhador teve um sonho. Rousseau contaminou o mundo com uma nova visão e veio dar uma nova oportunidade, uma visão do presente e do futuro

humano, de que a humanidade era capaz de fazer e reconhecer. Quer dizer, portanto, que o homem é naturalmente bom. Na verdade, nunca se escreveu nada de mais perturbador, perturbador de toda a crença. Quase original, ou melhor, transoriginal da humanidade. Nunca se escreveu nada tão tremendamente revolucionário, com essa ideia de que a humanidade tem em si a capacidade de se dirigir para o seu futuro, e por ela própria formar esse futuro. Isso também é a Europa. Mas não se pode esquecer que esse sonho não é o mesmo sonho dos europeus propriamente ditos. É um sonho que se espalhou pelo mundo e por outras culturas, mas não da mesma maneira.

Esta crise é também a crise daquela crença ignorante que, durante milénios, dominou a Europa, e de que todos nós somos filhos ou herdeiros: o Cristianismo. Esta crise, enquanto europeia, é também uma das razões da crise contínua que a história da Europa começou.

O catolicismo não tem hoje esse apoio na crença que teve durante séculos. Portanto, nesse capítulo, se o religioso é aquilo que funda e aquilo em que se fundam as opções mais absolutas que os homens podem ter, na ordem ética e na ordem do conhecimento, se essa crença está realmente acumulável num espaço silenciado ou adormecido, significa que a Europa está profundamente desarmada e que outras culturas, que não conhecem este tipo de crise, são culturas que provavelmente irão à frente dela, não só com mais coerências, mas talvez com maior capacidade de incarnarem a história futura, e não propriamente a Europa. O futuro o dirá!

A história da Europa é um pouco uma parte da história da humanidade. Mas há história da humanidade fora da Europa. Todavia, a história da Europa é uma espécie de romance da humanidade, do nosso ponto de vista. E não é história propriamente fáctica, porque a história é a constatação daquilo que se passou, daquilo que se passa e daquilo que se está passando, uma locução muitas vezes um pouco contínua. A história não dá sentido a coisa alguma. Ela é a interrogação. É nela que nos interrogamos. Nós não podemos nem sabemos dizer, com qualidade histórica, "é isto" ou "foi aquilo". Não, porque a história em si é a constatação daquilo que aconteceu e nada mais. Mas o que aconteceu, aconteceu. É uma mistura contínua de trevas, sombras e luz, de morte e de vida… contínua. A Europa, praticamente há três séculos, teve sempre esse problema de pensar que podia realmente *separar o animal que há em si* e ter a tentação de escolher um destino para si própria.

Hoje está numa encruzilhada, provavelmente por muito tempo, porque a crença, que lhe serviu de condução, não tem aquela evidência nem influi na vida como influiu durante séculos. E esse é provavelmente o drama desta Europa em que vivemos.